

AZEVEDO FILHO, Leodegário A. (1995). *Lírica de Camões*, vol. 3, tomo I. Canções, Lisboa, Imprensa Nacional–Casa da Moeda.

Continua o Prof. Leodegário A. de Azevedo Filho em sua dificultosa e meritória faina de nos dar uma edição tanto quanto possível fidedigna do texto da Lírica de Camões, fundada em prévia apuração da autenticidade de autoria. Essas duas tarefas constituem verdadeiro desafio à capacidade de estudo do investigador, porque: a) a 1ª ed. é póstuma e b) não se conhecem da lírica manuscritos autógrafos. Em vida do Poeta, somente três composições foram publicadas: a "Ode ao Conde do Redondo", nos *Colóquios dos Simples e Drogas*, de Garcia d'Orta e, na *História da Província Santa Cruz*, de Pero de Magalhães de Gândavo, uns "Tercetos" e um "Soneto" dedicados a D. Leonis Pereira. Quanto aos originais, sabe-se que Diogo do Couto, na "Década Oitava da Ásia", informa que Luís de Camões, quando em Moçambique, trabalhava num livro de muita erudição, que intitulava *Parnaso de Luís de Camões*, o qual, entretanto, lhe fôra roubado, sem que dele houvesse mais notícia. Em 1595 sai impressa postumamente (o Poeta falecera em 1580) a 1ª ed. da Lírica, com o nome de *Rhythmas*, com base, conforme declaram os editores no prólogo, nos chamados "livros de mão", ou seja, em cópias manuscritas anônimas que corriam de mão em mão. Em 1598 vem à luz nova edição, com o título ortograficamente simplificado de *Rimas*. Agora o editor Estêvão Lopes já procurava emendar os erros da 1ª impressão, atribuindo-os à "culpa dos originais" de que se valera e, informava que para a *emendatio*, havia recorrido a pessoas entendidas nesse gênero de pesquisa. Teve início assim a denominada "tradição impressa" que, partindo desses textos quinhentistas, se foi progressivamente alterando e "enriquecendo" com novas composições. E isso a tal ponto, que, só para exemplificar, o número de sonetos, que eram 106 na ed. de 1598, passou a 400 na de Teófilo Braga (1880). Foi o período que o eminente professor Vítor Manuel de Aguiar e Silva batizou como de "diástole". Nova fase, dotada de espírito crítico cientificamente mais bem fundamentado, caracterizou-se por assim dizer, por um movimento de regressão, que o mesmo Aguiar e Silva chamou de "sístole". O impulso revisionista partiu dos estudos do Dr. Wilhelm Storck e de D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, já nos fins do século passado. Tais estudos prosseguiram com as edições críticas de Hernâni Cidade e de Costa Pimpão. O movimento revisionista continuou em Portugal com as investigações do Prof. Vítor Manuel de Aguiar e Silva, especialmente com as suas *Notas sobre o Cânone da Lírica Camoniana*, I 1968 e II 1975. No Brasil a primazia coube ao Prof. Emanuel Pereira Filho, em comunicação apresentada ao 1º Simpósio de Língua e Literatura Portuguesa, promovido em 1967 pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do antigo Estado da Guanabara, sob o título "Aspectos da Lírica Camoniana (o problema do cânone)". Uma das novidades trazidas por esse revisionismo foi a do recurso aos manuscritos, ainda que apógrafos, para confronto com a tradição impressa, o que, até então não se fizera, ou só se fizera precariamente. Assim, em *Notas I*, ao procurar identificar a autoria do soneto cujo incipit é "Nunca em Amor danou o atrevimento", apelou Aguiar e Silva para o confronto com cinco manuscritos que enumera e quanto ao resultado dessa pesquisa, assim se manifesta:

Algumas investigações que realizamos neste domínio tão mal explorado dos cancioneiros manuscritos do século XVII, levaram-nos ao conhecimento do texto castelhano do referido soneto (p. 198).*

Já em Notas II, de pé de página, alinhava 11 manuscritos.

Por seu turno, Pereira Filho, em *Uma forma provençalêsca na lírica de Camões* (edição póstuma de 1974) estabelecia "três pressupostos fundamentais" para a fixação da autoria (a preocupação à época era a da atribuição de autoria, no sentido da constituição do que viria a ser chamado "o cânone mínimo da lírica de Camões), a saber:

a) *máxima proximidade no tempo*, isto é, a atribuição deve datar do século XVI;

b) *confirmação*, isto é, deverá coincidir com pelo menos dois outros testemunhos provenientes de fontes diversas e também quincentistas;

c) *incolumidade*, isto é, não ter colidido jamais com atribuição divergente ou rejeição criteriosa da crítica erudita (p.22).

Coube ao Prof. Leodegário A. de Azevedo Filho dar prosseguimento aos estudos do seu colega prematuramente falecido, e o vem fazendo de maneira exemplar. Partiu dos pressupostos acima enumerados, que assim acolhe no primeiro volume da Lírica que vem editando:

Nesse sentido é que foi proposto, em caráter pioneiro, o critério do tríplice testemunho quincentista incontroverso, para a constituição de um *Índice Básico de Autoria*, em função de dois fatores: a) Ausência de atribuição divergente; e b) Ausência de contestação assegurada por um mínimo de fundamento.

Mas tal critério não é pétreo, ao contrário é flexível, embora sempre respeitando o lineamento básico que o configura. Destarte, já no primeiro volume supracitado, adverte-nos o Prof. Leodegário que reduziu a dois o número indispensável de testemunhos quincentistas incontroversos "desde que para eles haja apoio textual em lições manuscritas" (p.36). E assim irá acontecendo, sempre que novos dados ou novos progressos da Crítica Textual se atualizarem.

A publicação total da obra está prevista para sete volumes, dos quais o segundo e o terceiro desdobrados em dois tomos. A parte até agora publicada, sempre pela benemérita Imprensa Nacional-Casa da Moeda, compreende os seguintes volumes: I - História, Metodologia, Corpus; II - Sonetos, tomos I e II; III - tomo I Canções. O tomo II do terceiro volume será dedicado às Odes.

Consta o presente volume de 11 canções, das quais duas em Apêndice. Estas duas foram postas em Apêndice por "apresentarem uma estrutura sui generis" (p.21): a 1ª é uma sextina e tem por incipit "Foge-me pouco a pouco a curta vida";

* Linhas transcritas da separata do vol. III, da *Revista de História Literária de Portugal*.

a 2ª, uma septina e tem por incipit "Tão suave, tão fresca e tão fermosa". São os seguintes os incipits das demais canções: *A instabilidade da Fortuna; Com força desusada; Formosa e gentil dama, quando vejo; Já roxa menhã (e) clara; Junto dum seco, fero e estéril monte; Manda-me Amor que cante docemente; Se este meu pensamento**; *Vão as serenas ágoas; Vinde cá, meu tão certo secretário.*

O volume está dividido como segue: Parte I, *Introdução Geral*; Parte II, *Estabelecimento crítico dos textos e Apêndice*; Parte III, *Conclusão*. Há uma advertência inicial: *abreviaturas utilizadas e normas de transcrição textual*. O tratamento metodológico de cada canção obedece ao seguinte esquema: 1- fontes manuscritas e fontes básicas da tradição impressa; 2- Aparato crítico: tradição manuscrita, tradição impressa, elenco das variantes, versificação, glossário, leitura crítica do texto nas principais edições modernas, anotações.

A metodologia adotada está explícita em seus termos fundamentais nestas palavras inscritas na folha de rosto das sucessivas edições da obra: "Texto estabelecido à luz da tradição manuscrita, em confronto com a tradição impressa". Todavia, neste volume das *Canções*, houve a seguinte alteração: "Texto estabelecido à luz dos manuscritos quinhentistas, em confronto com a tradição impressa". De fato, já no 1º vol. da *Lírica*, arrolara o Prof. Leodegário 20 manuscritos, maciçamente quinhentistas; os que não o são (séc. XVII, um do XIII) poderão servir eventualmente como teste negativo de autoria.

Estas considerações estão a demonstrar a posição central que o presente volume está destinado a ocupar na metodologia utilizada nesta arrancada ecdótica de mestre Leodegário. Está ela contida primordialmente na *Introdução* e na *Conclusão*, verdadeiras reflexões finais do já feito e do por-fazer. Breves transcrições o demonstrarão.

Na *Introdução* Leodegário elenca os passos de seu trabalho crítico: *recensio, collatio, eliminatio codicum descriptorum, stema codicum, emendatio, apresentação do texto crítico*. Alguns excertos:

Da *recensio*:

... o nosso trabalho baseia-se, fundamentalmente, na análise da tradição manuscrita existente, sempre em confronto com a dupla tradição impressa alterada pelo tempo. (p.21)

Realmente, em todos os casos, sempre a partir da tradição impressa, os melhores modernos escolheram uma edição de base, em função dela estabelecendo os textos, como se houvesse uma tradição comum para a lírica de Camões. (p.22)

* Por lapso, está na p. 19 *Sem por Se*.

Da *collatio*:

... para a seleção das variantes, jamais recorreremos à lei do predomínio numérico, baseada no cálculo estatístico das probabilidades, pois o texto só podia ser estabelecido por juízo crítico (*judicium*), a partir dos critérios internos da *lectio difficilior* e do *usus scribendi*. (p. 23)

Do *stemma codicum*:

Na verdade, muito complexo se apresenta o problema das relações estemáticas nos manuscritos existentes, razão por que nos limitamos a sugerir hipóteses viáveis, diante dos dados de que dispõe a crítica, mas sem fazer qualquer afirmação categórica, na maioria das vezes. (p. 25)

Da *emendatio*:

Afora isso [*interpungere, mutare, transponere, delere*], por conjectura, as nossas emendas resumiram-se ao mínimo realmente imprescindível, pois a lição do texto-base foi sempre respeitada, desde que explicável, sendo emendada apenas nos casos em que não houve outra solução técnica, sempre à luz dos princípios básicos da crítica textual. (p. 25)

Da *apresentação do texto crítico*:

... nenhuma edição crítica pode ser considerada perfeita, sobretudo quando pretende inaugurar uma metodologia de trabalho inteiramente nova. (p. 27)

E agora recorrendo à *Conclusão*:

Como o critério é afirmativo e não negativo, em relação a algumas canções ainda não completadas pelo método, em nenhum momento se declarou que não possam ser de Camões. Mas devem ficar em compasso de espera para serem incluídas no índice básico, pois aqui não há pressa. (p. 626)

... diante dos dados realmente precários de que dispõe a crítica, é totalmente impossível chegar-se à ambiciosa constituição do cânone máximo, com uma edição crítica perfeita, nesse sentido tendo naufragado, pelos tempos afora, as melhores intenções. (. 627)

Com efeito, em momento algum aqui foi declarado que estamos fazendo uma edição crítica perfeita e acabada da lírica de Camões, como a teimosa incompreensão de muitos tem propalado aos quatro ventos, numa atitude que apenas revela total ignorância daquilo que realmente se pretende com a constituição urgente e inadiável do cânone mínimo, base

imprescindível para as futuras discussões em torno dos verdadeiros limites da lírica camoniana. (p. 629)

Nem precisamos* de nenhuma gramática de *Os Lusíadas*, para só então analisar as formas lingüísticas na poesia lírica, mas simplesmente do texto da própria edição de 1572. (p. 631)

... os cancioneiros já conhecidos, éditos ou inéditos, em respeitável número, são mais do que suficientes para que a investigação comece. (p. 632)

E não há mais espaço porque, daqui em diante, já não será compreensível que a poesia lírica de Camões continue a ser editada apenas em função da dupla tradição impressa corrompida, ficando tal método definitivamente arquivado no passado. (p. 634)

De qualquer forma, se os resultados aqui apresentados, apesar de todas as dificuldades e de todas as incompreensões que encontramos pela frente, forem confirmados ou aproveitados pelas gerações futuras, ainda que parcialmente, terá sido esta a nossa única recompensa. (p. 638)

O que aí ficou dito (e transcrito) dá bem a medida do que tem custado ao Prof. Leodegário a ingente tarefa que ousou empreender. Por certo, como ele próprio sublinhou, é trabalho sujeito a aperfeiçoamento e até eventuais correções. Mas não se desconhece que toda obra humana é imperfeita e, como tal, a dificultosa empresa em que se envolveu mestre Leodegário é campo aberto a críticas, procedentes ou não. Em verdade ônus próprio da democracia do saber. Contudo o que não se pode negar é o alto mérito do que vem o Prof. Leodegário construindo no terreno da Ecdótica. Trabalho sério, original, fruto da sua competência (é hoje autêntico mestre da Crítica Textual no Brasil) e do seu amor e dedicação à cultura luso-brasileira. Esperamos que Deus continue a dar forças a esse nosso eminente colega, para que possa levar a bom termo o árduo mas gratificante cometimento em que se empenhou de contribuir para um efetivo progresso dos estudos camonianos.

Sílvio Elia

* No texto "precisamentos".